

CADEIRA N.º 34

Patrono: Samuel Uchoa

Vaga: Falecimento de Dolor Barreira

Recipiêdo: Antônio Martins Filho

Recipiendário: José de Figueiredo Filho

Data da posse: 11 de março de 1968

JOSÉ DE FIGUEIREDO FILHO. Serviu, como nenhum outro, talvez, ao povo e à cultura caririenses, caririense convicto que era. Filho de José Alves de Figueiredo e Emília Moreira Viana de Figueiredo. Nasceu na cidade do Crato em 14 de agosto de 1904 e ali faleceu em 29 de agosto de 1973. Farmacêutico pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, em 1925. Professor, folclorista, historiador, jornalista. Publicou: *Renovação* (1937); *Cidade do Crato, História do Cariri*, em cinco volumes; *Meu Mundo e uma Farmácia* (1948); *Engenhos de Rapadura do Cariri* (1958); *Folguedos Infantis Caririenses* (1956); *O Folclore no Cariri* (1962); *Patativa do Assaré; No Asfalto e na Piçarra*.

Antônio Martins Filho

A chegada de José de Figueiredo Filho a esta Casa tem para mim, particularmente, um sentido especial de alegria, pois que me traz o ensejo de fazer um rápido mergulho no passado, me proporciona um compulsório retorno à juventude e me devolve, por alguns momentos, a velhos dias de antiga, inteligente e sadia convivência.

Falo sem pretender dar a estas palavras o tom melancólico do falso saudosismo, mas sem ocultar e sem negar, por outro lado, os resquícios de nostalgia que este instante de saudável recordação me vem trazer, num tipo de versão brasileira daquela “tristeza sorridente” a que se refere Anatole France, quando falava de sua pequena cidade francesa.

É que lembro agora, com bastante oportunidade e com verdadeira emoção, longas conversas literárias e, no decorrer delas, sutis e apermeantes ponderações, tão úteis à minha formação intelectual, então formuladas por esta figura respeitável de escritor, que hoje recebemos na Academia Cearense de Letras.

Lembro tempos memoráveis de pureza provinciana, em que a geografia conservava o mistério das distâncias. Lembro tempos antigos em que as experiências aeronáuticas ainda não tinham rasgado os caminhos do céu, encurtando o mundo; e a ausência do rádio e da televisão conservavam as cidades do interior tão divorciadas dos centros mais avançados. Lembro tempos em que lá, na leal e decantada cidade do Crato, num esforço comovente e constante, através de jornais e de revistas, de almanaques e de livros — procurávamos acompanhar a marcha da civilização, tentávamos conhecer e seguir, na medida do possível, o que se lia, o que se inventava, o que se construía por este mundo afora, notadamente no domínio das letras e das artes.

Esta ordem de idéias me conduz à consciência do irrecorrível, do irreversível do tempo e das grandes transformações que o mundo sofreu e de que fomos testemunhas; os estranhos e imprevisíveis caminhos que a humanidade percorreu. E o pensamento me leva de volta ao Cariri, de que nosso ilustre recipiendário é, certamente, a imagem humana mais fiel. Pois nenhum homem daquela região, ao que eu saiba, se preocupou mais com os problemas do seu povo e da sua terra, desde aqueles tempos a que me referi, em que o patrimônio de cultura se fazia com tão grande sacrifício de autodidatas; ninguém se preocupou mais com os problemas da sua gente e da sua área geográfica, ninguém se ocupou tão obstinada e pacientemente dos assuntos que falavam mais de perto aos interesses de sua terra e do seu povo, ninguém os estudou com mais afeição, com mais conhecimento, com mais devotado e permanente amor.

Toda a obra de Figueiredo Filho reflete o Cariri, suas aspirações e sofrimentos, seus dramas, suas glórias, suas an-

gústias e alegrias, seus amores, suas cantigas, seu folclore, seus mitos, seus santos, seus mártires, seus heróis, sua história, seu povo.

É este sentimento de fidelidade à terra que eu desejo inicialmente aqui ressaltar. É este apego consciente, nunca desmentido, ao seu chão de origem, é a atitude coerente de permanência na terra do seu berço, a desambição pessoal no trato das questões que dizem respeito à sua região nativa, é sobretudo esta forma de abnegada e total entrega (que o faz voltar as vistas, durante toda a vida, para o binômio terra e homem do vale caririense) que eu quero aqui reconhecer e louvar.

A fecundidade do solo, a beleza da terra, a luxuriante vegetação, o verde incansável, o canto das águas dos rios e das fontes, todo aquele conjunto de marcante encanto bíblico, a música da natureza juntando-se à palavra e à força do homem, versos de cantadores e vozes másculas de reivindicação e de protestos, os apelos angustiantes aos governos, nas horas mais difíceis, a defesa de direitos e as alegrias das horas mais belas, dos momentos de afirmação e de vitória, — tudo isso, repito, encontrou sempre grave e profunda ressonância na inteligência e na obra de José de Figueiredo Filho, porta-voz e intérprete da alma e das aspirações da sua comunidade.

Felizmente, a lucidez com que sempre trabalhou e trabalha não o deixou cair nunca no plano fácil do ufanismo ingênuo, tão do agrado geral em certa época da vida brasileira, tão comum entre aqueles que amam “com fé e orgulho” a terra em que nasceram. Felizmente, não tombou jamais na louvação gratuita, na contemplação apenas poética, no simples lirismo inoperante, não se deixou ficar na exaltação pan-teísta que canta, mas não constrói, que embala, que comove, que exalta, mas não edifica.

José de Figueiredo Filho viu sempre, é certo, as maravilhas que o cercavam, viu, admirou, louvou, encantou-se, mas, ao mesmo tempo, conheceu, sentiu, estudou judiciosamente a problemática que aos olhos da maioria se ocultava na inegável beleza do vale. Porque, verdade seja dita, o bom senso,

a capacidade de análise e de crítica foram sempre as linhas de força da sua personalidade de tão altos e variados e ricos aspectos.

É também a paciência beneditina com que sempre laborou que é preciso mencionar com justiça; e ainda se deve exaltar a honestidade com que realizou pesquisas, o escrúpulo com que colheu, pessoalmente, dados em que se apoiou com acerto; é de justiça reconhecer sua identificação com os problemas mais importantes da região, sejam remotos ou imediatos, a sensibilidade que sempre manifestou quando os conheceu e apontou, quando sugeriu soluções, quando solicitou ajuda, quando abriu clareiras e implorou recursos.

E tudo foi feito num estilo que revela o homem, na mesma singeleza de linguagem pura e clara, na mesma simplicidade que não vulgariza, antes põe em destaque o seu valor, numa linha de coerência que foi sempre uma constante em tudo o que escreveu.

Sob os auspícios da Livraria Editora Odeon, de São Paulo, publicou José de Figueiredo Filho, em 1941, o romance *Renovação*, baseando-se, em sua experiência de ficcionista, na observação direta do drama secularmente repetido das longas estiagens e na vivência com os problemas sociais e humanos que afligem o homem nordestino.

Gustavo Barroso, numa síntese bastante significativa, assim definiu as virtudes estilísticas e criadoras do escritor cariense: “Seu estilo singelo e puro denuncia no autor um espírito claro que sabe ver e sabe contar o que viu.” No convívio do povo sertanejo ele soube surpreender os aspectos de sua existência de sofrimento. Rasgou, assim, o véu que cobre uma parte do vasto panorama da angústia nacional.

“Obra de brasilidade e de espiritualização — conclui Gustavo Barroso —, de ensinamento e de fé em dias melhores para a Pátria, merece ser lida pelos que amam e servem ao Brasil no grave momento atual de sua história. É brado de despertar de um brasileiro do interior, que sente, que sofre como todos

os brasileiros do interior, e comunga com os seus irmãos do Brasil a mesma hóstia de dor.”

Havendo escolhido por tema o binômio terra e homem, nessa narrativa romanceada, José de Figueiredo Filho descreve as diversas fases do êxodo rural, ao mesmo tempo que traça os destinos das personagens que simbolizam mais esse capítulo da “tragédia nordestina”. Não poderia, aliás, deixar de ser assim, já que a fidelidade ao seu meio é uma das características mestras da obra de Figueiredo Filho. Vivendo diariamente em contato com o povo, sentindo-lhe os problemas por ser ele também um elemento integrante do povo, sofrendo na carne as decepções que também sofria a sua gente, o primeiro grito literário de Figueiredo Filho teria, forçosamente, que ser um retrato das agruras da vida sertaneja, no sublime desejo, que têm todos os escritores, de que as suas palavras sejam ouvidas e a sua mensagem devidamente apreendida.

Daí encontrarmos nesse romance todo o drama que seriamente aflige o sertão. As dificuldades de vida dos rurícolas, e êxodo forçado pelas circunstâncias ambiciosas, as ilusões de que, em outras terras — seja nos cafezais de São Paulo, seja nas florestas amazônicas — poderão sobreviver para um dia retornar aos velhos pagos, tudo isso, que é real e verdadeiro, se encontra, escrito ou subentendido, no livro com que Figueiredo Filho fez sua entrada, digamos “oficial”, na literatura cearense e, por que não dizer? na literatura brasileira. E é com tristeza que assistimos ao desenrolar da história, nós que sabemos que, na vida real, aqueles problemas que martirizavam os pobres personagens tão cedo não serão resolvidos. Nesse livro, de apresentação modesta mas de grande valor humano, sertimos toda a tragédia da família sertaneja que se vê obrigada pelo destino inclemente a abandonar a terra-mãe para a ilusão de terras estranhas. A longa caminhada da Fazenda Boa Esperança para o longínquo interior de São Paulo traz-nos à memória arrancada semelhante retratada por Steinbeck em *As Vinhas da Ira*. E numa pausa em que as ilusões tomam alento para depois desmoronar-se

vemos surgir a figura semi-lendária do Padre Cícero Romão Batista, a acenar com a esperança de um bom inverno, esperança que, afinal, também se transforma em decepção.

Assim foi a estréia de Figueiredo Filho nas letras cearenses. E assim o foi porque o verdadeiro escritor tem que estar ligado aos problemas do seu povo. *Renovação* veio aumentar o brado de revolta que se encontra em *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, em *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, em *O Quinze*, de Raquel de Queirós, em *Cassacos*, de Cordeiro de Andrade. Mas, infelizmente, o alerta dos nossos escritores até hoje não foi ouvido. E o êxodo rural continua, agora provocado não só pela seca mas por muitos outros motivos, o que requer dos nossos escritores, já firmados ou apenas iniciantes, novos brados de revolta para que, finalmente, o homem do campo possa dizer:

— Esta terra foi dos meus pais, é minha, será dos meus filhos. Dela jamais nos separaremos.

Meu Mundo é uma Farmácia foi o segundo livro escrito por Figueiredo Filho, tendo confiado a sua publicação, em 1948, ao Instituto Progresso Editorial, de São Paulo. Vasado em linguagem amena e simples, em suas 168 páginas estão contadas as memórias de um boticário nascido e criado no interior, que do pai herdara a profissão de remediar os males do corpo e o dom de pressentir e auscultar os padecimentos psíquicos e morais de uma clientela aldeã, confiante mais nos milagres da Providência do que nos bálsamos aviados no recesso da botica ou vindos dos laboratórios da metrópole longínqua.

Este é um livro que merece lugar de destaque na obra de Figueiredo Filho pela fidelidade com que foi retratada a vida pacata de uma cidade do interior, nos seus mais variados aspectos.

O título, por si, de uma felicidade admirável, já traduz a situação a que se vê reduzido alguém que, em modesto burgo sertanejo, tem que ficar jungido à rotina de uma vida

com horizontes limitados. A Farmácia é, nas pequenas cidades do sertão, o ponto de confluência de toda a população e, em regra, o local de reunião das figuras mais representativas da terra. O Juiz, o chefe político, o fazendeiro abastado, o doutor que veio da Capital e jamais se adaptou ao meio em que vive, todas essas personalidades exponenciais da localidade diariamente se reúnem, com cadeiras nas calçadas, nesse local que, de instante a instante, é visitado pelo povo, para o aviamento de receitas, a consulta sobre os males do corpo e, às vezes, do espírito, ou, simplesmente, para ouvir o que os homens influentes discutem a respeito da Cidade, do Estado ou do Mundo. E é o farmacêutico a figura central desse microcosmo, o homem em torno de quem se agitam todos os que compõem a pequena comunidade. O seu mundo é a sua farmácia, onde ouve queixas ou opiniões do clero, nobreza e povo. Mais do que qualquer outro, fica ele ciente do que se passa e do que se diz. É o ponto convergente das emoções locais.

Figueiredo Filho sentiu isso e transpôs para o seu livro a vida de sua cidade, retratada nas conversas em que tomava parte, nos doentes a que atendia, no diz-que-diz diário em que se confundiam o verdadeiro e o fantasioso. Não fez um livro de ficção, como Monteiro Lobato ao descrever as cenas admiráveis de *Cidades Mortas*, deu, sim, um depoimento autobiográfico, do qual se pode obter uma idéia exata do que é a vida em uma cidade sertaneja, sem jornais, sem rádio, com os seus hábitos tradicionais, suas figuras características, suas maneiras especiais de encarar desde os fatos relativos à vida de cada cidadão aos acontecimentos mais importantes do caráter nacional ou internacional.

Cada pessoa, em geral, vê o mundo através dos seus sentimentos pessoais. Para o farmacêutico do interior, o mundo é a sua farmácia. E foi esse, durante muitos anos, o mundo de Figueiredo Filho.

Com *Engenhos de Rapadura do Cariri*, editado em 1958 pelo Serviço de Informação Agrícola, do Ministério da Agri-

cultura, enveredava-se Figueiredo Filho por um gênero em que iria firmar-se, definitivamente, como um dos maiores intérpretes de uma região, a exemplo do que ocorre com Luís da Câmara Cascudo, no Rio Grande do Norte, e Artur César Ferreira Reis, na Amazônia.

A paisagem física e humana do extremo sul do Ceará aparece, num quadro de amplas proporções, nessa monografia de José de Figueiredo Filho. Segundo o Dr. Anastácio Vieira, então Diretor do Serviço de Informação Agrícola, nas 74 páginas que enfeixaram esse volume o escritor caririense “não descreve apenas moagem e plantios de cana, mas focaliza, também, aspectos da vida na região, para mostrar a civilização que foi criada naqueles rincões, por elementos genuinamente brasileiros, nascidos e educados ao abrigo da velha indústria da rapadura”.

Para o trabalhador do engenho volta-se Figueiredo Filho, estudando os mais variados aspectos da sua participação na história econômica dessa área canaveira do Nordeste brasileiro. É, na verdade, um pequeno estudo sociológico, em que, com seriedade e segurança, são postos em destaque os fatos mais importantes ligados a essa pequena indústria do Ceará.

Contrabalançando, porém, a austeridade do ensaio, José de Figueiredo Filho inclui em seu livro páginas bastante deliciosas da literatura oral caririense, notadamente do famoso poeta popular José de Matos, de grande popularidade na região.

Ao contato do menestrel da feira, do cambiteiro e de outros tipos característicos da saga caririense, para Figueiredo Filho não constitui tarefa muito difícil traduzir as manifestações espirituais dessa gente, o que passou a fazê-lo, inicialmente, em trabalhos publicados, sem maiores pretensões, nos jornais que se editam na cidade do Crato.

Como resultado das suas constantes pesquisas no gênero, era lançado, em 1962, pela Imprensa Universitária do Ceará, seu livro *o Folclore no Cariri*. Já então, num estudo de maior profundidade e amplitude, mostrava Figueiredo Filho como haviam-se processado as atividades nessa região do Ceará, dan-

do ênfase a algumas danças perpetuadas pelos chamados *Cabras* de pé-de-serra do município do Crato, tais como o *Ma-neiro-pau*, o *Coco-gavião*, o *Milindo* ou a *Dança do Pau-de-fita* e o *Sapo Cururu*.

Capítulo dos mais interessantes desse novo livro é o que dedica o autor às bandas cabaçais do Cariri, cujos componentes executam, principalmente, músicas onomatopaicas de compositores locais. “O baião — escreve Figueiredo Filho — é o gênero musical de que mais gostam (os caboclos). “Pipoca” é um baião que imita o milho pipocando no fogo. “Marimbon-do” é tão agressivo em notas agudas quanto aqueles insetos tão valentes e de ferroada tão causticante. “Cachorra” é como se fosse a cadela a gritar com o açoite.”

Em 1967, novo livro de folclore publicava Figueiredo Filho, ainda sob os auspícios da Universidade Federal do Ceará, através de sua Imprensa Universitária, dessa feita focalizando a vida social e cultural da criança, em *Folgedos Infantis Caririenses*.

Segundo o depoimento do próprio autor, não se tratava de uma obra de grandes ambições, valendo sobretudo pela contribuição que oferecia a um dos aspectos menos estudados de nosso folclore, não obstante a sua importância como veículo de perpetuação de folgedos como a “La Condessa”, a “Barca-Virou”, “Senhora Dona Sancha”, “Boca de Forno” etc.

Em que pese a modéstia do autor, não restam dúvidas de que os *Folgedos Infantis Caririenses* constituem subsídio dos mais valiosos para os estudos folclóricos no Brasil, alinhando-se, pela sua temática, ao lado de estudos como *Ci-randas Infantis*, de Martinz de Aguiar, e de *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*, da autoria do Professor Florestan Fernandes, em que, pela primeira vez em nosso País, se procurou dar à criança a merecida importância, como elemento da veiculação de danças, jogos e brincadeiras tradicionais.

É o escritor Figueiredo Filho, portanto, um homem preocupado com os tempos mais sérios do complexo cultural cearense, merecendo, por isso mesmo, o nosso respeito e admiração.

ração. Seu trabalho intelectual é desses que dispensam elogios, em forma de adjetivação, porque traduzem, implicitamente, um esforço admirável no sentido de projetar, além do nosso Estado, as manifestações espirituais de uma região, cujo texto com as letras e com os problemas de cultura geral remonta, talvez, à época da preparação dos movimentos políticos que culminaram com a Revolução de 1817 e a proclamação da República do Equador.

Aí está, Senhoras e Senhores, em pinceladas rápidas, uma síntese da obra até hoje publicada de José de Figueiredo Filho. A seriedade dos seus estudos o credenciam, sem nenhuma dúvida, como substituto, nesta Casa, daquela outra grande figura de trabalhador intelectual que foi o Professor Dolor Barreira, cujo nome pronuncio com saudade e com respeito.

Mas, além do valor intrínseco dessa obra, que marca o seu autor como um dos mais sérios e acatados intelectuais do Ceará, há um outro aspecto na personalidade de Figueiredo Filho que exige destaque especial, por se constituir exemplo edificante de tenacidade e de abnegação.

Vivendo toda a sua vida no interior do Estado, Figueiredo Filho sempre foi um estudioso dos problemas de sua região. Poderéis, por certo, Senhoras e Senhores, avaliar as dificuldades, os empecilhos, as decepções que sem dúvida sempre acompanharam o seu lutar patriótico na pesquisa, interpretação e divulgação de cousas do Cariri. Nada impediu, contudo, que durante toda a existência continuasse a produzir e a agir — agir incentivando o cultivo das letras e das artes, através do seu magistério nos centros de ensino de sua cidade, através de entidades dedicadas às causas do espírito como o pujante Instituto Cultural do Cariri, através de publicações periódicas, como essa admirável revista *Itaytera*, de que Figueiredo Filho é alma e corpo, atraindo para as suas páginas o que há de mais representativo no mundo cultural sul-cearense.

Modesto talvez em excesso, enquanto o seu nome se projetava no Ceará e no Brasil, jamais cortejou Figueiredo Filho grupos literários para obter o louvor fácil de amigos ou conhecidos. Pelo contrário, contentando-se com o seu trabalho, muitas vezes recusava ou fugia a uma maior aproximação com aqueles que o admiravam pela obra que construía e pelo trabalho que realizava.

Foi o que aconteceu, durante muito tempo, com esta Academia, que sempre desejou possuí-lo em seu seio, o que só honra traria para a nossa Instituição. Um dispositivo regimental, contudo, determina que a entrada para a Academia seja solicitada e não oferecida, dependendo, assim, cada eleição, da manifestação expressa da vontade do candidato.

Sempre que entre nós surgia um claro, o nome de Figueiredo Filho era lembrado; mas a modéstia do escritor impedia a concretização do desejo dos que aqui se encontram, de fazê-lo ocupar uma das poltronas da Casa de Thomaz Pompeu.

Só agora, por insistência de amigos, dispôs-se Figueiredo Filho a bater às portas desta Casa que, por direito, já era sua, dados os méritos que revestem sua obra. E a unanimidade de sua eleição é uma prova real de que os que fazem hoje a Academia Cearense de Letras, de braços abertos, recebem o representante do sertão, que é, mais que isso, uma das figuras preeminentes das letras do Ceará.

Por todos esses motivos, por tantas inequívocas razões, a Academia Cearense de Letras, que tanto tempo esperou por vossa chegada, Professor José de Figueiredo Filho, hoje se engalana para de fato incluir-vos entre os seus componentes, já que por direito de primazia do espírito, de há muito a ela pertencíeis. Vossa modéstia adiou bastante esse momento feliz para todos nós. Mas esta noite, finalmente, aqui estais, para alegria e honra das letras alencarinhas. Entrai em vossa Casa, com os nossos aplausos e o nosso louvor mais sincero, aplausos e louvor que refletem o júbilo verdadeiro e amigo de todos os que compõem a Academia Cearense de Letras.